Lavras, Minas Gerais. Outubro de 2010
Ano XI – Edição n. 40

ACRÓPOLE

Órgão de Divulgação Cultural – Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFLA
Internet: http://historiadelavras.blogspot.com
Editor: Geovani Németh-Torres *

Separata da TRIBUNA DE LAVRAS — Lavras, 6 de abril de 1975

ACRÓPOLE — Órgão de divulgação cultural do Museu de Lavras

N.º 1/75 — Editor: Silvio do Amaral Moreira (Bi Moreira) — Tiragem: 3.000 exemplares

Bi Moreira faz lembrar o Mestre Aurélio, de Pedro Nava

(Este clichê, na série publicada pelo Estado de Minas, apareceu na terceira reportagem. Sua colocação aqui não obedece a qualquer espírito de vaidade, mas simplesmente à circunstância de ser a única foto em que aparece o prédio do Museu, objeto da excelente série, que se lerá a partir da segunda página desta separata.)

Explicação

Operário modesto, abelha pobre,
De vós e para vós o mel fabrico,
E abençôo a colméia que nos cobre.
Só do labor geral me glorifico:
Por ser da minha terra é que sou nobre,
Por ser da minha gente é que sou rico.
Olavo Bilac

BIBLIOTECA DO MUSEU BI MOREIRA 37.200 - LAVRAS

A publicação desta separata, embora atenda a um interesse de divulgação do Museu de Lavras, representa uma homenagem a dois repórteres do "Estado de Minas", Carlos Felipe e Evandro Santiago, que, vindo a Lavras em setembro de 1974, foram sensíveis ao drama que o idealizador desta Casa de Cultura vem vivendo diante da incompreensão de uns e a indiferença de outros.

Registre-se, também, o nosso agradecimento às firmas que tornaram possível a publicação desta separata.

Bi Moreira

ARTES VISUAIS («Estado de Minas», de 18-11-73.)

Museu Bi Moreira: quem começa a briga?

Celma ALVIM

Há quarenta anos o jornalista Bi Moreira vem se empenhando no sentido de dotar a cidade de Lavras de um bom Museu. Quarenta anos não são quarenta dias. A gente pode, sem dificuldades, imaginar o quanto de horas foi despendido para que se reunisse, num casarão de Lavras, por uma só pessoa, sem quaisquer auxílios de entidades oficiais, **milhares** (não é força de expressão, a catalogação desse acervo, bastante eclético e numeroso, exige semanas de trabalho) de peças e documentos da mais alta importância histórica.

Auxílios, Bi Moreira sempre os teve. Mas todos às custas, exclusivamente, de seu prestígio pessoal. As doações particulares (inúmeras) se processaram todas na base dos laços de amizade e muita ternura. Gente arredia, que nunca admitiu transações com antiquários ou colecionadores, que só faltava colocar no portão o aviso: "**não vendo, não dou e não empresto**", fez importantes exceções para aquele "grande amigo tão maluco e tão santo".

Mas hoje, com sessenta e um anos de idade, o grande idealista não se sente com a energia de outrora para prosseguir na luta. E vai se desgastando mais, na autêntica peregrinação que tem feito aos Institutos (federal e estadual) do Patrimônio Artístico e Cultural, às Universidades, aos Conselhos de Cultura e às associações de classe. Todo o mundo se entusiasma, faz discurso e literatura. Mas até hoje não se constatou nenhum auxílio realmente ponderável que tornasse viável o funcionamento regular da grande casa de cultura de Lavras.

A gente se indaga quantas vezes Bi Moreira não deve ter sido assediado por colecionadores para que dispusesse, pelo menos, de parte de seu numeroso acervo. Se tivesse cedido, ao invés das grandes apertura financeiras que atualmente atravessa, retirando, da sua caixa própria, os gastos de manutenção do acervo, estaria milionário.

Fico pensando que, se se esgotarem todos os recursos, todas as portas para pedir, Prefeitura de Lavras (a cidade tem estrutura para um empreendimento desta natureza, afinal, é muito pouco o que se pede face à grandiosidade do material reunido), Governo do Estado e universidades, o jeito é passar um telegrama para o Nordeste. Lá estão brigando sério pela posse da Coleção Abelardo Rodrigues. Quem sabe resolvem também adotar (e brigar) pelo grande **Museu Bi Moreira?**

Opiniões:

21. 03. 44 — **Cecília Meireles**, numa das muitas cartas que escreveu ao Diretor do Museu, como folclorista: "O Sr. faz bem em recolher o que encontra, em fixar o que vê e ouve. Não perca essas oportunidades."

12. 03. 65 — **Vera Flores**, intérprete da ONU, radicada no México:
"Uma das lembranças mais agradáveis que guardo da minha última visita ao Brasil é precisamente aquela hora feliz que passei examinando e admirando o museu que o senhor com tanto carinho está organizando."

01. 04. 69 — **Vinicio Stein Campos**, organizador dos Museus Históricos e Pedagógicos do Estado de S. Paulo, depois de ver uma quinta parte do atual acervo: "... o seu patrimônio é um amontoado de maravilhas, suscetível de enriquecer não um, mas diversos museus históricos de nossa Pátria."

18. 05. 73 — **Barbosa Lima Sobrinho**, historiador e membro da Academia Brasileira de Letras, em dedicatória num de seus livros: "O MUSEU DE LAVRAS É UMA ORGANIZAÇÃO QUE HONRA A TODO O BRASIL."

03. 06. 73 — **Barbosa Lima Sobrinho**, no artigo "Um centenário que Lavras não esqueceu", publicado no "Jornal do Brasil":

A criação da Associação Propagadora da Instrução não surgiu em terreno estéril. Encontrou continuadores de mérito excepcional como Firmino Costa e Azarias Ribeiro e Mac-Gregor de Campos, que se dedicaram de tal modo aos assuntos pedagógicos, que Lavras se tornou logo, mais do que um exemplo, o modelo necessário, para uma ação continuada. Não estaria esse esforço entre as condições de receptividade, que atraíram a transferência do Instituto Gammon de Campinas para Lavras, em 1893? Não teriam sido influências decisivas para dar ao ensino o sentido técnico e profissional, que haveria de completar-se com a criação da Escola Superior de Agricultura de Lavras?

"O que tudo se reflete e sintetiza na criação do Museu de Lavras, que é a chave da abóboda desse edifício cultural.

"O Museu de Lavras é realmente uma obra formidável, abrangendo imenso domínio, histórico, sociológico, folclórico, etnográfico, enchendo salas e armários com tudo o que possa representar alguma coisa da vida do passado de Lavras e do Brasil. No dia que merecer apoio oficial, constituir-se-á numa atração poderosa, para os que desejam sentir o coração do Brasil, quando não seja pelos objetos que o recordam, ao menos pelo entusiasmo vibrante do criador do Museu de Lavras e pelo espírito de sacrifício com que o sabe manter, sabe Deus como e à custa de quantas renúncias."

18. 09. 74 — **Carlos Felipe**, na série de reportagens publicada no "Estado de Minas" e que se transcreve nesta separata: "Lá (em Lavras) está um dos maiores museus do Brasil ...

O Museu não é um amontoado de coisas mortas, mas o repositório de fatos vividos e ...

Capa da 1.ª Edição de *Acrópole*, abril de 1975

ACRÓPOLE: 35 ANOS

Em 1975 o museólogo Sílvio do Amaral Moreira (Bi Moreira) começou a publicar um jornalzinho histórico-cultural do Museu que fundara e que hoje recebe o seu nome. Este periódico chamava-se *Acrópole*, que circulou gratuitamente em forma de separatas do jornal *Tribuna de Lavras*. Foram 39 edições, todas com tiragens na casa dos milhares, lançadas em três fases distintas. A última, de 1994, foi editada pelo jornalista Hugo de Oliveira.

O propósito da publicação era divulgar a história e o folclore de Lavras e região, bem como biografias de lavrenses importantes, informações sobre datas comemorativas e poesias de autores locais. *Acrópole* tinha também uma valiosa função pedagógica: muito de seu conteúdo era produzido com objetivo explícito de incentivar as pessoas e os escolares a conhecerem melhor a terra em que viviam, despertando assim o essencial valor cívico que harmoniza a sociedade.

QUEM FOI BI MOREIRA?

Bi Moreira foi "o mais lavrense de todos os lavrenses", segundo Hugo de Oliveira; "a memória viva de Lavras", de acordo com José Alves de Andrade; ou, conforme ele mesmo, "alguém que deve purgar sozinho o pecado de pensar em alguma coisa que aproveita mais aos outros do que a si próprio".

Indubitavelmente, Bi Moreira foi um dos maiores incentivadores da cultura lavrense, um exemplo de tenacidade na busca de um ideal. Filho de José Moreira de Alvarenga e Altina Moreira do Amaral, nascera numa época de grande progresso em Lavras. O apelido de "Bi Moreira", como nos conta José Alves de Andrade, surgiu nos tempos de infância, pois ele só conseguia pronunciar a primeira sílaba de "Bino", abreviatura pela qual chamavam seu tio Urbino Amaral, o que causava certa hilaridade.

Sílvio do Amaral Moreira
(15/07/1912 – 06/03/1994)

Estudou em várias escolas da cidade, diplomando-se em 1929 como guarda-livros pela Escola Técnica de Comércio do Instituto Gammon. Este colégio era reconhecidamente uma de suas grandes paixões.

Na década de 1930, o jovem Bi Moreira passa a trabalhar como secretário na Escola Agrícola (antigo nome da UFLA) e também ingressava na imprensa lavrense. Tempos depois, num ensaio autobiográfico, revela que "*desde rapazola, com base em algumas coisas guardadas por meu pai no porão do velho casarão onde nasci e vivi até os 24 anos, comecei a juntar peças e documentos, com o intuito de preservá-los, a fim de mostrá-los à minha e às gerações futuras. E o resultado dessa ideia – simples ideia porque nunca tive tempo nem meios de planejá-la – é esse amontoado de bugigangas que formam um acervo, senão rico, pelo menos valioso em termos de informação. Esse trabalho – que eu nem sabia que era pesquisa – vem durando meio século. Durante bom tempo ele foi feito nas minhas horas de lazer, com prejuízo para o convívio da família. E, de 12 anos para cá, essa insânia mansa – que ultrapassou os limites do bom-senso –*

* Bacharel em História pela Universidade Federal de São João del-Rei e graduando em Administração Pública pela Universidade Federal de Lavras.

passou a se constituir em dedicação total e exclusiva, com a agravante de, há 10 anos, minha família residir em Belo Horizonte".

O Museu de Lavras idealizado por Bi Moreira em 1949 começou a ganhar forma nos anos 1950, muito incentivado pela *Sociedade dos Amigos de Lavras* (SAL) a qual era um dos fundadores. O museu ficava no antigo Teatro Municipal na Rua Sant'Ana, até que este foi demolido, em 1962. Desde então, o acervo histórico migrou para várias localidades, como em salas das antigas Câmara e Prefeitura ou no prédio central da chácara Dr. Jorge. Ainda nos anos 1960, quando a Igreja do Rosário estava abandonada e em ruínas, Bi Moreira foi um dos grandes defensores da preservação do monumento, onde tinha esperanças de instalar seu museu numa das alas do templo. Este projeto acabou não se realizando. Porém, por volta de 1970, o museu ganharia novo fôlego ao ser transferido para o prédio Álvaro Botelho, na Escola Superior de Agricultura de Lavras, a partir de iniciativa do diretor Alysson Paulinelli. No início o museu ocupava somente algumas salas do prédio, mas com a mudança da sede administrativa da ESAL para o *campus* novo, o Museu de Lavras passou a ocupar todo o casarão onde se encontra até hoje.

Prédio Álvaro Botelho, no *campus* histórico da UFLA. O local abriga o Museu Bi Moreira.

O acervo histórico continuava a crescer, num catálogo de milhares de peças das mais variadas. Celma Alvim registra que este feito muito se deve aos esforços solitários e pacientes do museólogo, que também recebia valorosos auxílios de amigos e entusiastas. Bi Moreira sempre rechaçou a ideia de vender alguma peça, mesmo quando o assédio dos colecionadores era grande e suas economias pessoais, escassas.

Sílvio do Amaral Moreira foi o lavrense que mais amou sua cidade e isso lhe rendeu algumas frustrações: jamais se conformou com a estagnação da área artística de Lavras, e também protestou contra a inatividade das lideranças locais com relação às faculdades de Medicina e de Direito.

Era verdadeira fábrica de ideias e projetos culturais. Prestes a completar 70 anos, no início da década de 1980, falava em dotar a cidade de um *Centro de Cultura* que abrigasse um *Parque Ecológico*, o *Museu de História*, o de *Ciência e Tecnologia* (e, dentro deste, o *Museu Rural*), o *Museu de Mineralogia* e o de *História Natural*.

Em 1983, como parte das comemorações dos 75 anos da ESAL, com muita justiça o museu passa a se chamar Museu Bi Moreira. Em 1984 foi a vez de Lavras prestar homenagens ao dedicado Filho: a antiga prefeitura transformou-se em *Casa da Cultura* Sílvio do Amaral Moreira.

No fim da vida mudou-se para Belo Horizonte, mas seus escritos ainda eram presentes nas páginas dos jornais lavrenses até seu falecimento, em 1994.

Há quem zombe dos museus como lugar de gente que vive no passado; muito ao contrário! A luta davídica de Bi Moreira revela-o não como um saudosista, mas sim um homem muito a frente de seu tempo. Graças a ele, as gerações dos séculos vindouros poderão conhecer com excepcional riqueza de detalhes a vida de seus ancestrais. Pois é exatamente através do conhecimento do passado que o Homem se torna sábio, capaz de repetir um sucesso ou evitar um erro. Esta perspectiva temporal é um dado que o diferencia dos animais e lhe dá Humanidade.

---

13 DE OUTUBRO: ANIVERSÁRIO DE LAVRAS

De acordo com decreto de 13 de outubro de 1831, as seguintes povoações foram elevadas à categoria de vila: Curvelo, Tijuco (atual Diamantina), Pouso Alegre, Rio Pardo (de Minas), São Manoel do Pomba (hoje é Rio Pomba), Vila Risonha de Santo Antônio da Manga de (São Romão) e LAVRAS DO FUNIL.

A elevação à vila representa a emancipação política de uma freguesia através da criação de uma Câmara Municipal própria.

Em 20 de julho de 1868 uma lei provincial eleva a vila das Lavras do Funil à categoria de cidade, agora passando a se denominar apenas Lavras.

Esta confusão de datas fez com que de 1914 a 1978 o feriado de aniversário fosse comemorado no dia 20 de julho. A data de 13 de outubro foi definida pelo prefeito Maurício Pádua nos preparativos para as comemorações do Sesquicentenário de Lavras, em 1981.